



Fundação do Gil

Dia do Gil

Concepção do projecto Hora da Música

A Hora da Música nasce em Janeiro de 2004 a partir de um desafio lançado por Margarida Pinto Correia a Madalena Wallenstein para conceber e implementar este projecto nas pediatrias hospitalares.

É em Abril desse ano que arranca com uma equipa de músicos que intervêm em sessões que duram uma hora e se realizam quinzenalmente na sala de actividades das pediatrias. Estes espaços, na sua maioria, estão sob a orientação de educadoras que preparam as crianças e os seus acompanhantes que se podem deslocar à sala e participar na acção.

Esta é um espaço musical que não se quer como um concerto, mas de interacção entre o dinamizador e os participantes. Aproveitando as potencialidades lúdicas da linguagem musical, os participantes são levados a recorrer à sua intuição que, como um “trampolim” interior, faz despoletar memórias e conhecimentos musicais que nem imaginam que possuem. Estes conhecimentos aplicados de uma forma envolvida do ponto de vista do imaginário e orgânica no que respeita à intuição da linguagem musical, são o maior recurso de dinamização num momento da partilha musical entre pessoas que se encontram pela sua condição de alguma forma disponíveis para viver esta aventura; pessoas que apesar dos seus percursos diferentes se encontram quase por acaso naquele tempo e naquele espaço, numa condição de fragilidade e limite que despoja o ser. Este é, sem dúvida, um espaço essencialmente relacional.

Cada dinamizador deve encontrar os seus próprios materiais pedagógicos-musicais e a sua própria forma de construir uma linguagem e um imaginário, para que não sejam repetidos materiais musicais nas acções desenvolvidas por cada elemento desta equipa. A construção do seu reportório, das suas colecções deverá levar em conta uma grande diversidade de idades (0 as 18/21 anos e os acompanhantes que poderão ser avós) e poderá contemplar algumas orientações:

- exploração de materiais como canções e lenga-lengas;
- jogos musicais e de improvisação;
- instrumentos e objectos sonoros;
- percussão corporal;
- música gravada;
- ambientes sonoros e histórias sonoras;
- acústica e propagação sonora;
- música nos contextos: música no mundo, histórias musicadas, canções que podem ser ligadas pelas temáticas, pelo imaginário ou por razões musicais, história da música, ou estilos musicais etc...)

É impossível descrever aqui de uma forma exaustiva a utilização destes materiais e a sua exploração. A aquisição destas técnicas deve ser feita em contexto de formação prática, vivencial e discutida. Caso contrário tornar-se-ia redutor e muito pouco eficaz.

A estrutura de construção de uma sessão deve ser realizada a partir das combinações possíveis dos materiais destas colecções levando em conta nuances musicais, contrastes condicionados afectivamente pela música e a construção e realização de uma sessão a partir do entendimento do papel de comunicador/performer/ contador de histórias (pela música...).

Os materiais são, sempre que possível, encadeados narrativamente, de maneira a que cada um surja de forma quase necessária, como que uma consequência da anterior.

A flexibilidade na interacção a partir das pessoas que temos na nossa frente pode levar-nos a não utilizar nada do que preparamos tão metodicamente. Pode acontecer nada resultar, e nesse caso é mesmo importante que não tomemos esse insucesso pessoalmente. Estas situações acontecem por vezes, ou porque a diversidade de crianças dificulta a sessão, ou porque não estão estabelecidas as relações sociais entre elas e a situação colectiva as intimida ou ainda porque o estado clínico não deixa que a criança tenha condições de se envolver.

É preciso nessas circunstâncias primeiro manter o sangue frio e depois ter tantas possibilidades na manga que nos permite fazer tantas tentativas quantas forem necessárias. A diversidade de materiais que devemos ter sempre na ponta da língua é o segredo, assim como a nossa capacidade de tomar decisões rápidas.

Normalmente é assumido por todos os dinamizadores que podemos incluir concepção de uma sessão pontos de apoio muito estruturantes. Por exemplo, uma actividade musical, que pode ser uma canção, para a apresentação de todos os participantes ajuda no arranque da sessão assim como a presença do Gil como a personagem que dirige as nossas acções, e que pensa nestas pessoas pequenas a quem se dedica. Também pode ser um ponto de apoio para a saída, já que o Gil nos dá instruções para ter que seguir para outro lado onde vamos continuar a propagar sons e música para outros meninos.

É muito importante assegurar o objectivo de “agarrar” o imaginário dos participantes e assegurar igualmente a manutenção dessa atenção conquistada. O objectivo é manter um ritmo regular nas dinâmicas, preferencialmente crescente na ambiência fantástica. Se deixarmos cair o ritmo da nossa interacção é muito difícil recuperar visto que o nível de energia das crianças hospitalizadas não é suficiente para recomeçar, para se tornar a entusiasmar.

Achamos necessário clarificar os conceitos “Abrir e fechar a sessão” e reconhecemos este elemento como importante na gestão das sessões. O momento de chegada e de saída deve ser realizado de forma suave com o tempo necessário para, através da leitura não verbal, mas dos códigos corporais que nos permitam compreender rapidamente uma série de informações como: as idades das crianças, os estados de espírito do grupo incluindo acompanhantes, quem são os mais tímidos, ou compreender quem são os que com uma energia forte que nos podemos aliar e nos ajudarão no arranque se os colocarmos logo a participar, ou pelo contrário, energias tão baixas que nos obrigará a uma aproximação muito delicada, etc. Da mesma forma, a nossa saída deve ser preparada lentamente e de preferência com uma justificação coerente com a nossa acção.

É neste leitura que assenta a nossa decisão de oscilar entre o nosso papel de *performer*,

caso a energia seja tão baixa que nos obrigue a envolver os participantes por esta via, assim como na importância do nosso papel de comunicador tanto pela linguagem que utilizamos, como pela aproximação ou distanciamento no contacto ocular ou corporal. Estes são instrumentos precisos para estabelecer cumplicidade e empatia.

Um factor para o crescimento do nosso trabalho é realizar um balanço sobre o que aconteceu na sessão: O que foi difícil? O que foi feito? O que resultou? O que me afecta a mim? O que fazer? O que não fazer? O relatório institucional é um ótimo ponto de partida para esta reflexão pessoal...

Também é fundamental clarificar o nosso papel:

Qual o nosso papel? O que queremos fazer acontecer?

Quem somos nós afinal? Terapeutas? Animadores? Dinamizadores?

Quais os nossos “instrumentos” de trabalho para chegar aos objectivos propostos?

A quem nos dirigíamos? A flexibilidade na interacção a partir das pessoas que temos na nossa frente.

Como somos acolhidos e a importância deste acolhimento?

Reconhecer e sistematizar as características de cada núcleo e adaptarmo-nos ao espaço colocando-nos estrategicamente.

Ao longo destes anos de trabalho muito se discutiu em equipa sobre o formato do trabalho a desenvolver e foi-se consolidando a ideia de que o nosso instrumento maior se chama “atravessador de paredes”, os nossos objectivos são essencialmente:

- Proporcionar uma hora de evasão e de distração;
- Promover experiências positivas de prazer e bem-estar;
- Estimular o imaginário e o fantástico;
- Mobilização da pessoa em contexto hospitalar através do papel catalisador do dinamizador;
- Criar memórias positivas;
- Utilizar o universo sonoro/musical para fazer acontecer momentos sensíveis e envolventes do ponto de vista individual e promover a interacção nas relações pessoais e

colectivas;

- Utilizar a música como um instrumento que pode proporcionar a vivência de nuances ambientais e emocionais e estimular o humor sempre que a oportunidade justifique.

Acreditamos que estas experiências condicionam positivamente uma subida do estado de espírito e que poderá deixar boas memórias nos participantes e, quem sabe, ajudar a alcançar melhorias.

Para que tal aconteça é preciso promover a utilização de uma linguagem poética e lúdica, o menor número possível de momentos explicativos, e sempre que for necessário falar para conduzir a acção o façamos como “contadores de histórias”. A partir do material que utilizámos teremos que construir uma narrativa de forma a não deixar cair o ritmo da acção, que é como quem diz da atenção conquistada. E que, todos sem excepção, nunca se sintam professores porque na circunstância ninguém ensina nada a ninguém. Vive-se tudo o que ali está, os bons e os maus momentos.

Terapeutas não somos porque não temos formação para isso, e pode ser muito perigoso. Animadores também não nos serve, porque a animação se associa a festa, aos palhaços e a acontecimentos de energia semelhante, e muitas vezes a festa não é mesmo possível, tendo nós que partir do ambiente que encontramos para trazer os participantes connosco.

Nós sentimo-nos artistas, e naturalmente que para nós a arte e a vida são a mesma coisa. Muita da nossa intervenção é evadir, mas sobretudo quando se tem uma dor física grave e por isso se está hospitalizado, estamos muito centrados nesse estado. O papel do dinamizar deverá ser artístico na medida em que podemos lembrar outros planos das sensações, emoções, da poesia, das histórias, da música que através do seu impacte transforma, da arte que nos transporta para outra dimensão e questiona o ser naquilo que nos transcende.

No decorrer das acções fomos nos apercebendo que nos dirigíamos às crianças hospitalizadas que poderiam ser de todas as idades, o que nos levou a questionar formas de gerir esta diversidade, estando a solução na divisão de tarefas e utilizando os adultos e os mais velhos como nossos colaboradores e músicos acompanhadores nas actividades para

os mais novos ou tendo que contrabalançar realizando um momento só para os mais velhos deixando os mais novos no papel de espectador.

Por outro lado este trabalho poderá ser muito importante para os acompanhantes das crianças e os técnicos hospitalares. Reconhece-se uma ansiedade nos acompanhantes muitas vezes mais gritante nos adultos do que nas crianças, e percebemos que lhes podemos igualmente proporcionar tanto vivências pessoais como reconhecer os benefícios que advém da projecção das vivências positivas das crianças que têm um impacto extraordinário no adulto. Um sorriso dum menino na Hora da Música ficaria a ecoar no tempo e na alma, na nossa e na dos adultos que os amam. Por outro lado, estes momentos são também quebra-rotinas e “alimento” para as educadoras. Por vezes, é possível fazer propostas para que o trabalho seja continuado. Algumas educadoras registavam letras de canções ou gravam para poder continuar este trabalho, e as mais entusiastas escrevem e desenham jornais de parede ou cartas para o Gil, ou utilizam as canções como ponto de partida para outras explorações pedagógicas. As enfermeiras e os auxiliares muitas vezes participam por alguns minutos, mas os mais distantes apesar de curiosos são, sem dúvida, os médicos.

Este é o universo da Hora da Música onde a música é o meio de comunicação por excelência. Tudo anda à volta do som; da palavra com som, do gesto com som, do movimento com som, do sorriso com som... da partilha com som! A empatia é estabelecida através do som e ao longo de toda a sessão ele está sempre presente.

E como som e música todos ficamos a ganhar.

Ou mundo não fosse um lugar onde sem luz e sem música nenhuma criança se poderia chamar assim!

1 de Janeiro de 2010

Madalena Wallenstein (ex-coordenadora artística da HM e criadora do projecto)